



do canal

AUDINO VILÃO

Marcelo Marques

Bruna Cursini



FILOSOFIA PARA BOONS & VIGILAS

Tudo o que você precisa saber
sobre filosofia e outras brisas

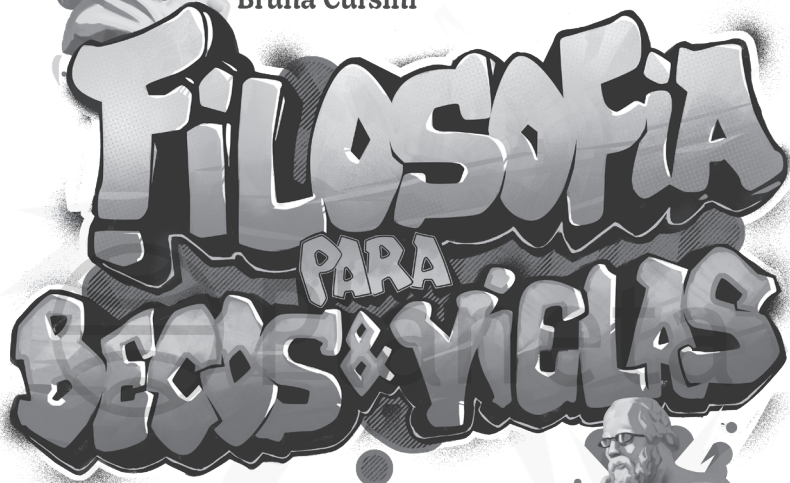


do canal

AUDINO VILÃO

Marcelo Marques

Bruna Cursini



**FILOSOFIA
PARA
BEANS & VICIAS**

**Tudo o que você precisa saber
sobre filosofia e outras brisas**

REVISÃO TÉCNICA:

Caio Sarack



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Marcelo Marques e Bruna Cursini, 2022

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022

Todos os direitos reservados.

Organização de conteúdo: Daila Fanny

Preparação: Marina Castro

Revisão: Fernanda França e Renato Ritto

Projeto gráfico e diagramação: Negrito Produção Editorial

Imagens de miolo: adaptadas de Wikimedia Commons e morguefile.com

por Negrito Produção Editorial

Capa e ilustração de capa: Douglas Lopes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Marques, Marcelo

Filosofia para becós e vielas: tudo o que você precisa saber sobre filosofia e outras brisas / Marcelo Marques, Bruna Cursini. – São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.

176 p.

ISBN 978-65-5535-642-7

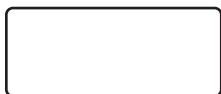
I. Filosofia I. Título II. Cursini, Bruna

22-0936

CDD 100

Índice para catálogo sistemático:

1. Filosofia



Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo

2022

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.

Rua Bela Cintra, 986, 4ª andar – Consolação

São Paulo – SP – 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: QUAL É A BRISA DA FILOSOFIA? 8

PARTE 1 – OS BROTHERS ANTES DE SÓCRATES 15

- 1.1 Tales de Mileto, o primeirão 19
- 1.2 Pitágoras, o cabeção quadrado 23
- 1.3 Heráclito, o Obscuro 27
- 1.4 Parmênides, o trava-mente 31

PARTE 2 – NA VIBE DA DEMOCRACIA 37

- 2.1 Sócrates, o debochado 41
- 2.2 Platão, só no mundo das ideias 45
- 2.3 Aristóteles, pagando de *coach* 51

PARTE 3 – O LEGADO HELENISTA 59

- 3.1 Diógenes, na vida loka 63
- 3.2 Epicuro, a arte de viver suave 67
- 3.3 Zenão e o bonde dos estoicos 73

PARTE 4 – QUEM FORAM OS COROINHAS 77

- 4.1 Agostinho de Hipona, o crente platônico 81
- 4.2 Tomás de Aquino, o missionário filósofo 87

PARTE 5 – DE VOLTA ÀS ORIGENS

5.1 Maquiavel, no tabuleiro de WAR 99

PARTE 6 – A MAIOR TRETA FILOSÓFICA: RACIONALISTAS VS EMPIRISTAS

6.1 Descartes, o chapeleiro maluco 111

6.2 Espinosa, o herege tagarela 117

6.3 Hume, o superdotado 123

6.4 Locke, libera geral 129

PARTE 7 – OS PIONEIROS TRANSCENDENTAIS

7.1 Kant, na ética do churrasco 139

7.2 Hegel, o fenômeno das ideias 143

7.3 Schopenhauer, o primeiro emo 147

7.4 Nietzsche, o roba-brisa 153

PARTE 8 – O EXISTENCIALISMO PÓS-GUERRA

8.1 Kierkegaard, o angustiado 163

8.2 Sartre, o pirado da liberdade 169

CONCLUSÃO:

ONDE VOU USAR ISSO NA MINHA VIDA? 175

PARTO 1

OS BROTHERS

ANTES

DE SÓCRATES

Como você já deve tá ligado, filosofar é trazer novas definições para coisas que já conhecemos. Os primeiros caras que fizeram isso (dentro da história ocidental, certo?)¹ foram os velhinhos da Grécia Antiga.

Até por volta do ano 600 a.C., as pessoas explicavam o mundo usando mitos. Aliás, se você parar pra pensar, até hoje a gente usa mitos para explicar várias coisas.

E o que são mitos?

Parceiro, mitos são aquelas histórias que explicam como os deuses, os titãs e outros seres criaram o mundo, manja? Os gregos tinham sua visão mitológica do mundo, com Zeus, Apolo, Atena, assim como os nórdicos têm Thor, os tupis-guaranis têm Tupã e assim por diante.

As histórias dos mitos – a *mitologia* – eram passadas de pai pra filho ao longo de séculos, numa tradição oral, ou seja, no bate-papo. Mas, lá pelo ano 700 a.C., uns caras colocaram essas histórias no papel (ou melhor, no pergaminho), e com essa novidade foi possível discutir sobre os mitos!²

1. Salve, salve: preste atenção nesse detalhe, pois a filosofia oriental segue outros rumos de pensamento e investigação, com uma cronologia diferente.
2. Cf. GAARDER, Jostein. *O mundo de Sofia*: romance da história da filosofia. Tradução de João Azenha Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 39.

Então, com essa possibilidade de discutir uma coisa que ninguém discutia antes, uns manos começaram a pensar na chance de haver uma explicação para o *cosmos* (mundo) que não fosse mitológica, mas *metafísica* (tá lembrado da metafísica, né, vilão?). Eles passavam muito tempo observando a natureza, seus ciclos e como as coisas se relacionavam entre si. Por isso, esses manos ficaram conhecidos como “filósofos da natureza”.

Eles queriam entender a origem do universo (*cosmogonia*) usando a racionalidade e deixando de lado as historinhas do Monte Olimpo³ e companhia. Essa origem do mundo era chamada de *arché*, que significa “princípio” em grego.

Apesar da mente afiada, não foram esses caras que criaram o termo “filosofia”, nem que se deram ao luxo de ostentar o título de “filósofos”. Eram pensadores que, como a gente comentou, começaram a trazer novas definições para as coisas que a galera da sua época já conhecia.

3. Não sabe o que é Monte Olimpo? Não se preocupe que eu explico: de acordo com a tradição dos gregos, Monte Olimpo era onde os deuses moravam.

1.1

TALES DE MILETO, o primeiro

Mano Tales nasceu provavelmente em 624 a.C. em Mileto, uma cidade da Ásia Menor, onde hoje está a Turquia. Esse cara contribuiu muito para a matemática, para a física, para a astronomia e para a geometria. O brother realmente tinha uma mente afiada. Vale dizer que ele fazia parte de uma espécie de panelinha de nerds da época chamada de “Sete sábios da Grécia Antiga”, da qual participavam também:

1. Sólon de Atenas.
2. Pitaco de Mitilene.
3. Periandro de Corinto.
4. Cleóbulo de Lindos.
5. Quílon de Esparta.
6. Bías de Priene.⁴

Tales viajou pra caramba e chegou até o Egito, onde, dizem, conseguiu calcular a altura de uma pirâmide só de medir a sombra dela no exato momento em que tanto a sombra como a pirâmide tinham o mesmo tamanho. Ou foi sorte, ou o cara era

4. Tá ligado que o “sobrenome” de todos eles é o nome de uma cidade? É porque, naquela época, os caras não tinham sobrenome que nem a gente. Então, para diferenciar um Tales de outros Tales que talvez existissem, era costume se referir à cidade em que o cara vivia ou onde ficou famoso.

genial. Essa façanha ficou consagrada num esquema chamado teorema de Tales (uma fita que você já deve ter visto na escola).⁵

Lá no Egito, Tales também observou que as margens do rio Nilo ficavam superférteis e produtivas depois de o rio transbordar, e que naquela lama toda apareciam mais minhocas e rãs do que antes. Talvez isso tenha levado esse mano a acreditar que a água era o *princípio* de todas as coisas: “Tales de Mileto, o primeiro a indagar sobre esses problemas, disse que a água é a origem das coisas e que deus é aquela inteligência que tudo faz da água”.⁶

Tales pensava que a água era um elemento que, em densidades e proporções diferentes, formava todos os seres e objetos. Meio diferenciado das ideias, mas essa é uma conclusão de respeito, parceiro, considerando que Tales nem sonhava com um treco chamado “microscópio”, e a gente, hoje, graças à química e à biologia, sabe que não é bem assim. Mesmo não estando de todo certo em suas teorias, ele foi o primeiro a tentar explicar racionalmente a origem do universo – e é isso que importa pro nosso papo. Vale lembrar que explicar racionalmente naquela época não acontecia do mesmo jeito que a gente vê hoje, mas o princípio que organizava os pensamentos do Tales é o mesmo que organiza o pensamento dos cientistas atuais: que as coisas possuem causas e que elas podem ser captadas pelo nosso pensamento.

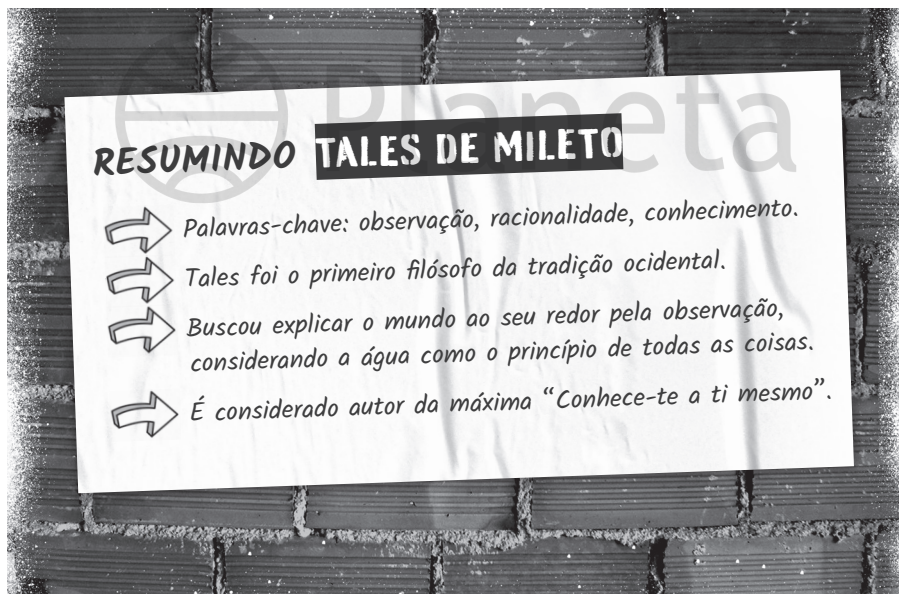
Assim como o lance da água, as explicações que nosso amigo Tales dava pro mundo vinham das suas observações das coisas. O bichão pensava longe, literalmente brisava e vivia no mundo da lua. Uma vez, ele tava dando um rolê olhando pra cima, pros astros. Aí, desatento, pá, caiu num poço. Uma moça que viu a cena, depois de passar mal de tanto rir, disse

-
5. O tal teorema afirma que “num plano, a interseção de retas paralelas por retas transversais forma segmentos proporcionais”. Pois é, filosofar não é só ficar brincando por aí...
 6. CÍCERO. *De Natura Deorum*. 1.10.25. Apud BORNHEIM, Gerd. *Os filósofos pré-socráticos*. São Paulo: Cultrix, 2005, p. 23.

pro Tales: “Você quer saber o que rola no céu, mas não consegue ver o que tá perto do seu próprio pé”.⁷

Mas tudo bem, mesmo com a cabeça nas nuvens o Tales era brilhante. A sede dele por conhecimento ficou famosa numa frase que resume bem o espírito das suas investigações, e talvez até da filosofia: “Conhece-te a ti mesmo e conhecerás os deuses e o universo”.⁸ Aí tá a força do pensar racionalmente da filosofia: ela dá a capacidade de ir puxando os fios até chegar a conhecimentos que pareciam distantes, mas agora se mostram pra gente, pra nossa razão.

Tales morreu em 547. a.C. e não deixou nada escrito. Quem reuniu e organizou seus esquemas foi Aristóteles séculos depois. A gente só pode concluir que o mano Tales é o bichão mesmo, hein?!



7. PLATÃO, Teeteto 174a.

8. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução de Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007, s.v. “sábio”.

1.2

PITÁGORAS, o cabeção quadrado

Pitágoras: pau pra toda obra! Esse velho ensinava não só filosofia, mas também matemática. Você provavelmente deve conhecê-lo não por suas reflexões filosóficas, mas pelo seu famoso teorema.⁹ Como os demais pré-socráticos, muito da investigação de Pitágoras está na busca da *arché*, que ele acreditava poder ser encontrada através dos números!

Pitágoras nasceu na ilha grega de Samos, em aproximadamente 570 a.C. Filho de família rica, recebeu uma excelente educação desde muito jovem. Tocava lira, manjava de poesia, aprendeu filosofia e matemática. Sua cidade era um rico centro cultural, considerada uma referência em arquitetura. Ou seja, nosso mano Pitágoras era uma semente boa numa terra fértil.

Pitágoras também viajou muito e foi influenciado por grandes civilizações além do cercadinho dos gregos; passou bons anos num lugar chamado Mesopotâmia, aprendendo astronomia e outras artes, e estudou no Egito, onde provavelmente teve o maior impacto sobre as pessoas. Aprendeu com grandes magos (sim, magos!) e sábios sobre misticismo, matemática e filosofia, e os estudiosos acham até que seu conceito de “metempsicose” (calma aê que logo a gente chega lá!) pode ter

9. Olha lá, hein, cai em vestibular! Pra refrescar a memória: num triângulo retângulo (▲), o quadrado da hipotenusa é igual à soma dos quadrados dos catetos.

recebido influência dos egípcios. Ou seja, o mano deu um rolê bem louco pelo mundo e absorveu múltiplos saberes em áreas diferentes do conhecimento em cada lugar por onde passou, desde aritmética e geometria até misticismo.

Após toda a sua jornada, o gênio foi para o lugar que se conhece hoje como sul da Itália, pra uma cidade chamada Crotona, e fundou a tão famosa escola pitagórica. Nos dias atuais, o bagulho poderia ser até considerado uma seita, já que os alunos tinham que passar por uma espécie de iniciação e manter segredo sobre os assuntos tratados ali dentro. Mas, como sempre tem um fofoqueiro nessas paradas de mistério, a gente sabe hoje que a maior parte das coisas que rolava na escola do Pitágoras tinha a ver com números e formas geométricas. Pensa num pessoal tarado por número. Até filosofia e música eram números para esses malucos!

E o que os números significavam para Pitágoras? Harmônia! Ele dizia que podíamos entender o mundo e a natureza através de números e formas geométricas. Sendo assim, os números não são apenas símbolos ou conclusões racionais, mas o significado real por trás do universo.

Parece algum tipo de mania, mas juro que não é!

Para os pitagóricos, o cosmos é feito de diversos ramos matemáticos, especialmente a trigonometria. Isso foi deduzido pela observação dos astros. Eles ficavam observando como o céu mudava do amanhecer até o anoitecer, a cada estação etc. Para eles, havia uma ordem no mundo, saca? Devido a essa visão, concluíram que a Terra era esférica, e houve pitagóricos que até mencionaram a rotação da Terra sobre o eixo. Mas a maior descoberta deles foi no domínio da geometria, com o teorema que a gente já viu.

Além de números, Pitágoras filosofou sobre a vida de um jeito mais geral. Ele foi forte no misticismo e criou o conceito de “metempsicose”, que é basicamente a crença de que a alma é imortal e, após a morte do corpo, é transferida para outro corpo. Contam que, certa vez, Pitágoras tava num rolê

quando viu uma pessoa bater num cachorro. Ele sentiu pena e disse: “Parem, não lhe batam, porque é a alma de um estimado amigo. Eu o reconheci ao ouvir seu latido”.¹⁰ Allan Kardec que se cuide!

Para Pitágoras e seus seguidores, a alma é *harmonia*,¹¹ ou seja, “a unificação de muitos elementos misturados e a concordância dos discordantes”.¹² Para eles, o melhor exemplo da harmonia da alma era a música: “A música é uma combinação harmoniosa de contrários, uma unificação de múltiplos e um acordo de opostos”.¹³

Ou seja, de um jeito bem pitagórico, o círculo se fecha: a harmonia que está nos números também está na alma e na música.

Apesar dessa beleza toda, a vida de Pitágoras não foi lá muito fácil. O mano era um perseguido político e seus adversários incendiaram sua escola em Crotona, matando vários alunos.

E Pitágoras?

Tai mais um dilema da filosofia. Alguns estudiosos consideram que ele morreu no incêndio, outros consideram que conseguiu fugir para a cidade de Metaponto, também no sul da Itália, e morreu um tempo depois... Outros acham que ele continua vivo como o Elvis (não, isso não).

Se o dilema dos brasileiros é “Capitu traiu Bentinho?”, o dos gregos é “Pitágoras morreu ou não no incêndio?”.

Os que se salvaram viajaram pela Grécia espalhando o que lhes cabia ensinar, mantendo alguns ensinamentos de Pitágoras vivos por mais algum tempo.

10. DK 21 B 7, apud SPINELLI, Miguel. *Filósofos pré-socráticos*: primeiros mestres da filosofia e da ciência grega. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, p. 131.

11. MACRÓBIO. *Comentário sobre o Sonho de Cipião*, 1.14.19 (DK 44 A 23) apud SPINELLI (2003), p. 133.

12. SPINELLI (2003), p. 133.

13. ESMIRNA, Teão de. *Comentários*, ed. Hiller, 12.10 (DK 44 B 10) apud SPINELLI (2003), p. 134.